

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● O COI constituiu-se com base no Manifesto de Mumbai contra a guerra, a exploração e o trabalho precário, manifesto que teve a adesão de militantes operários e responsáveis de organizações políticas e sindicais de 46 países (*)

● O Comité de Acompanhamento é composto por militantes operários de todas as tendências:

Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (Estados Unidos)
Colia Clarke (Estados Unidos)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Ney Ferreira (Brasil)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Apo Leung (China)
Gloria Gracida (México)
M. A. Patil (Índia)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
John Sweeney (Grã-Bretanha)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Azânia, Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, China, Coreia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Itália, Mali, México, Paquistão, Peru, Portugal, República Checa, Roménia, Ruanda, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Venezuela, Zimbábue.

RÚSSIA

“Que a morte de cada soldado morto nesta guerra injusta vos pese na consciência!” (a mulher de um soldado)

informações prestadas pelos nossos correspondentes na Rússia

O patriarca Kirill, chefe da Igreja Ortodoxa, cuja fortuna pessoal se estima em mais de 4 mil milhões de dólares, é um dos principais porta-vozes do regime de Putin e da sua propaganda a favor da guerra. Kirill fez há pouco tempo uma declaração preocupada: *“As contradições que existem em todas as sociedades entre, como antigamente se dizia, as classes sociais (...) têm hoje que passar para segundo plano, pois é a solidariedade de todo o povo que tem que passar a estar em primeiro plano.”*

A luta de classes preocupa o chefe da Igreja – e com toda a razão! A guerra em que o regime de Putin e dos oligarcas se meteu começa a custar caro aos trabalhadores. A seguir ao projecto de lei de proibição das manifestações, a Duma (parlamento) foi convidada a suspender as limitações às horas extraordinárias. Se o projecto for adoptado, passará a ser possível obrigar os assalariados a trabalharem durante o fim de semana e dias feriados, assim como à noite, a desmarcarem as suas férias sem seu consentimento e a anularem uma parte das suas férias pagas, assim como a não terem as horas extraordinárias compensadas por tempo de descanso. O projecto de lei refere que estas mudanças afectarão principalmente a indústria militar; podem, porém, ter aplicação em qualquer empresa. *“Não se dá nenhuma explicação, a não ser impor a sobre-exploração da mão de obra”*, comentou o vice-presidente da Confederação do Trabalho da Rússia (KTR), Oleg Chein.

O Kremlin sabe, contudo, que, além de contar com a Igreja Ortodoxa, poderá

também contar com o apoio do Partido “Comunista” (KPRF). No seu relatório ao plenário do comité central, que acaba de se realizar em Moscovo, o secretário do KPRF, Ziuganov, reafirmou o seu apoio à guerra: *“Em conformidade com as suas orientações políticas, o KPRF tem apoiado a operação militar especial para proteger o Donbass e libertar a Ucrânia.”* Mas as coisas não são assim tão simples: uma sondagem recente publicada pela *Russian Field* indica que 40% dos simpatizantes do partido desaprovam a intervenção militar na Ucrânia.

Apesar da repressão e da propaganda patriótica destilada por todo o lado, a resistência contra a guerra continua a manifestar-se. Em Ufa (Basquirtistão), a mãe de um soldado fez uma manifestação à frente de uma secção de recrutamento militar com um cartaz que se opunha ao envio de recrutas para a “zona da frente”. Em São Petersburgo, numa cerimónia de entrega de diplomas, uma estudante dum dos liceus da cidade brandiu um cartaz a dizer *“Não à guerra!”*. Coisa pouco habitual: em ambos os casos, não se registaram represálias. Ainda mais significativo: um video colectivo de mulheres de soldados da República da Buriácia (uma das regiões mais pobres, com o recorde de soldados mortos na Ucrânia), reivindicando a desmobilização dos maridos da frente. *“Que a morte de cada soldado morto nesta guerra injusta vos pese na consciência!”*, disse uma delas, dirigindo-se ao governador. ■

EQUADOR

As mobilizações populares de Junho de 2022

Correspondência de militantes operários

No dia 23 de Junho, ao apelo da Confederação das Nações Indígenas do Equador (CONAIE), que reúne as camadas mais oprimidas e exploradas da população numa plataforma de medidas de urgência em dez pontos, que aqui reproduzimos, camponeses e operários indígenas invadiram a capital, Quito. O governo do presidente ultra-reaccionário Guillermo Lasso decretou o estado de urgência, e a repressão fez já dezenas de mortos. Militantes operários do Equador que assinaram o apelo ao encontro internacional de urgência contra a guerra mandaram-nos as suas reflexões, de que aqui publicamos extensos excertos. Esta formidável mobilização camponesa e indígena põe o problema da junção com a classe operária organizada e, por conseguinte, a questão da responsabilidade dos dirigentes das organizações políticas e sindicais da classe operária, tanto mais quanto a plataforma em dez pontos sintetiza perfeitamente as reivindicações dos trabalhadores e das massas camponesas.

“A anterior mobilização popular convocada pela CONAIE foi em Outubro de 2019, contra o governo do ex-presidente Moreno (contra os ataques aos subsídios do Estado ao preço dos combustíveis – NdR). O actual presidente, Guillermo Lasso, actua da mesma maneira que o seu antecessor em matérias-chave. Como por aqui se diz: “*são nalgas da mesma calça*”.

A principal diferença entre ambos é que Lasso é banqueiro e membro fanático da *Opus Dei*⁽¹⁾.

Do lado da CONAIE, a principal diferença para 2019 é a sua direcção. O novo dirigente da CONAIE, Leonidas Isa, declara as suas divergências com o correísmo⁽²⁾ e reivindica o pensador socialista Jose Carlos Mariategui⁽³⁾.

As mobilizações de Junho de 2022 caracterizam-se por serem mais gerais, mais nacionais e mais populares do que em 2019. A plataforma em dez pontos que a CONAIE (ver caixa) apresentou a Lasso é disso reflexo. Plataforma que o presidente-banqueiro ignorou até à greve geral, não tendo nenhuma das respostas dadas no fogo dos protestos convencido nem os dirigentes nem a base social da CONAIE.

O contexto político internacional mudou, nomeadamente com a eleição de Petro, o candidato da esquerda na Colômbia (país vizinho do Equador). Todas as tentativas de acusar Petro de “comunismo”, “guerrilheiro”, “violência” e “autoritarismo” não se aguentaram. Além disso,

A plataforma em dez pontos

A começar em 13 de Junho, cinco organizações indígenas e camponesas, sendo a principal a CONAIE, apelaram a uma greve ilimitada para impor um programa de medidas de urgência, conhecido como “plataforma em dez pontos”.

1. Redução e congelamento dos preços dos carburantes. Restabelecimento dos subsídios estatais ao preço do combustível para os camponeses, trabalhadores dos transportes, pescadores...

2. Ajudas sociais aos mais de 4 milhões de famílias mais pobres; moratória de pelo menos um ano e renegociação das dívidas com redução das taxas de juro. Fim à penhora de bens (casas, terrenos e veículos).

3. Comprar a produção aos camponeses a preços equitativos (leite, arroz, banana, cebola, estrume, batata, milho, tomate, etc.) para que milhões de pequenos e médios c^hs possam viver do seu trabalho.

4. Políticas e investimentos públicos para acabar com a precariedade laboral. Pagamento das contribuições patronais em atraso à Segurança Social (IESS).

5. Moratória à expansão das actividades mineiras e petrolíferas (de pilhagem das terras indígenas pelas empresas privadas), auditoria e reparação completa dos impactos sociais e ambientais.

6. Respeito dos vinte e um direitos democráticos dos povos indígenas: educação bilingue, justiça autóctone, autodeterminação dos povos autóctones.

7. Parar com a privatização de sectores estratégicos (Banco do Pacífico, centrais hidroeléctricas, segurança social, telecomunicações, rede rodoviária, saúde, etc.).

8. Controlo dos preços pelo Estado para impedir a especulação com produtos de primeira necessidade.

9. Saúde e educação. aumento imediato do orçamento da saúde para enfrentar a penúria de medicamentos e para recrutar pessoal hospitalar. Garantia de acesso dos jovens ao ensino superior; melhoria das infra-estruturas públicas (escolas, colégios, universidades).

10. Elaboração de políticas públicas para pôr cobro à vaga de violência, de assassinatos encomendados, delinquência, tráfico de droga e raptos pelo crime organizado.

muitos colombianos votaram em Petro contra o seu principal concorrente, um homem de negócios e demagogo que se parece com Lasso como

duas gotas de água.

Em treze meses de governação, o resultado da política de Lasso é um desastre, excepção feita, reconheça-se, à vacinação. No mais, Lasso aparece no imaginário popular como pior que o seu antecessor, Moreno. É, pois, natural que o clamor popular seja “*Lasso rua!*”

O aumento dos preços dos carburantes fez aumentar as receitas fiscais do Estado. Porém, isso não se traduziu em nenhuma melhoria dos serviços públicos. O aumento dos preços do petróleo provocou o aumento geral dos preços, não reactivando a economia nem criando emprego, nem melhorando os serviços públicos; a pobreza não recuou. Isto alimentou a mobilização popular.

O “diálogo” proposto pelo poder é a última estratégia que resta a Lasso para tentar esvaziar a mobilização popular. Se, nesse “diálogo”, conseguisse conquistar resultados tangíveis e imediatos a favor das massas populares, a CONAIE poderia passar, rapidamente, a ser a principal força política do país. Porém, se o “diálogo” der nos mesmos resultados que em 2019, a direcção actual da CONAIE poderá perder a confiança das massas.

Considerando a crise na classe dominante e a dinâmica das mobilizações, Lasso poderá ser “largado” pelas forças armadas e pela polícia, redundando tudo em eleições presidenciais antecipadas. Outra opção, já contemplada pelo Partido Social-

Cristão, o principal partido burguês, é substituir Lasso pelo seu vice-presidente, Borrero.

A forma em que se dirimirá o “diálogo” para sair da crise, e os seus resultados, irão, pois, determinar o futuro”. ■

(1) Organização influente, reaccionária, ligada à Igreja Católica.

(2) A presidência, portanto, de Rafael Correa (2007-2017), que, sob a pressão das massas, manifestara alguns sinais de resistência ao imperialismo, mas nunca pondo em causa a propriedade privada dos meios de produção.

(3) Jose Carlos Mariategui (1894-1930) foi um militante operário peruano, que se reivindicava marxista, mas foi influenciado pelas correntes nacionalistas latino-americanas. Fundador do Partido Socialista Peruano (1928) e da CGT do Peru em 1929.